

Artigo original

# Cards como práticas de multiletramentos na educação básica

*Cards as multiliteracies practices in basic education*

*Cards como prácticas de multialfabetizaciones en la educación básica*

Ingrid Rolim de Souza<sup>1,\*</sup>  

**Citação:** Souza, I. R.; (2026). Cards como práticas de multiletramentos na educação básica. *InterteXtos*, 19. <https://doi.org/10.18554/it.v19i00.8817>

**Editor:** Priscila Marques Toneli, Juliana Bertucci Barbosa

**Organizador:** Acir Mario Karwoski

**Recebido:** 02 Dezembro 2025

**Aceito:** 02 Dezembro 2025

**Publicado:** 30 Janeiro 2026



Texto sobre copyright.



1. Universidade Federal de Minas Gerais , Faculdade de Letras, Belo Horizonte (MG), Brasil.

\* Autor correspondente: [ingridrolim@gmail.com](mailto:ingridrolim@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido com uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública de Manhuaçu - MG, no contexto de uma proposta de ensino e pesquisa de Língua Portuguesa ancorada na Pedagogia dos Multiletramentos. A partir da articulação entre diversidade cultural e diversidade de linguagens, o trabalho teve como foco a produção de cards digitais para redes sociais sobre o patrimônio cultural local. Metodologicamente, a pesquisa se insere no campo qualitativo, com abordagem de intervenção pedagógica, em diálogo com as orientações da BNCC para o desenvolvimento de práticas de linguagem multimodais e digitais. As etapas contemplaram análise de textos, com ênfase na multimodalidade, a retextualização de mini-inventários culturais participativos em cards e a circulação das produções em um perfil no Instagram criado para o projeto. Os resultados indicam que os estudantes mobilizaram diferentes recursos semióticos na composição dos cards e ressignificaram práticas e espaços de seu cotidiano como bens culturais. Ao mesmo tempo, a experiência evidenciou desafios importantes, como dificuldades de letramento digital e de planejamento de atividades que contemplassem a complexidade da multimodalidade. Concluímos apontando possibilidades pedagógicas para o trabalho com multiletramentos na educação básica, especialmente por meio de práticas que aproximem escola, culturas localmente produzidas e ambientes digitais.

**Palavras-chave:** Multiletramentos. Cards. Patrimônio cultural. Letramento digital. Ensino de Língua Portuguesa.

**Abstract:** This article presents an experience report developed with a 7th-grade elementary school class in a public school in Manhuaçu, MG, within the context of a Portuguese language teaching and research proposal grounded in the Pedagogy of Multiliteracies. Based on the articulation between cultural diversity and diversity of languages, the work focused on the production of digital cards for social media about local cultural heritage. Methodologically, the research is situated in the

qualitative field, with a pedagogical intervention approach, in dialogue with the guidelines of the BNCC for the development of multimodal and digital language practices. The stages comprised the analysis of texts, with an emphasis on multimodality, the retextualization of participatory cultural mini-inventories into cards, and the circulation of the productions on an Instagram profile created for the project. The results indicate that the students mobilized different semiotic resources in the composition of the cards and re-signified practices and spaces of their everyday life as cultural assets. At the same time, the experience highlighted important challenges, such as difficulties related to digital literacy and to the planning of activities that would address the complexity of multimodality. We conclude by pointing to pedagogical possibilities for working with multiliteracies in basic education, especially through practices that bring schools, locally produced cultures, and digital environments closer together.

**Keywords:** Multiliteracies. Cards. Cultural heritage. Digital literacy. Portuguese language teaching.

**Resumen:** Este artículo presenta un relato de experiencia desarrollado con una turma de 7º año de la Enseñanza Fundamental, en una escuela pública de Manhuaçu - MG, en el contexto de una propuesta de enseñanza e investigación de Lengua Portuguesa anclada en la Pedagogía de los Multiletramentos. A partir de la articulación entre diversidad cultural y diversidad de lenguajes, el trabajo tuvo como foco la producción de cards digitales para redes sociales sobre el patrimonio cultural local. Metodológicamente, la investigación se inserta en el campo cualitativo, con un enfoque de intervención pedagógica, en diálogo con las orientaciones de la BNCC para el desarrollo de prácticas de lenguaje multimodales y digitales. Las etapas contemplaron el análisis de textos, con énfasis en la multimodalidad, la retextualización de miniinventarios culturales participativos en cards y la circulación de las producciones en un perfil de Instagram creado para el proyecto. Los resultados indican que los estudiantes movilizaron diferentes recursos semióticos en la composición de los cards y resignificaron prácticas y espacios de su vida cotidiana como bienes culturales. Al mismo tiempo, la experiencia evidenció desafíos importantes, como dificultades de letramiento digital y de planificación de actividades que contemplaran la complejidad de la multimodalidad. Concluimos señalando posibilidades pedagógicas para el trabajo con multiletramentos en la educación básica, especialmente por medio de prácticas que aproximen escuela, culturas producidas localmente y entornos digitales.

**Keywords:** Multiletramentos. Cards. Patrimonio cultural. Letramento digital. Enseñanza de Lengua Portuguesa.

## 1. Introdução

Nossas práticas sociais e culturais têm passado por transformações intensas, impulsionadas pela globalização, pela circulação de culturas e pelos avanços tecnológicos. Essas mudanças atravessam diretamente as formas de ler, escrever e produzir sentidos, que hoje envolvem, de

maneira cada vez mais evidente, a convivência com múltiplas linguagens, suportes e ambientes digitais. Nesse cenário, torna-se necessário que a escola se dedique ao desenvolvimento de multiletramentos, contemplando tanto a diversidade cultural quanto a multimodalidade dos textos que circulam no cotidiano dos estudantes.

Nessa mesma direção, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) reforça essa necessidade ao destacar o domínio de diferentes linguagens e o uso crítico de tecnologias digitais como parte das Competências Específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental, o que implica repensar práticas de ensino que historicamente privilegiaram o texto verbal escrito e abrir espaço para experiências que integrem outros modos semióticos na leitura e na produção de textos. Paralelamente, pensar multiletramentos na escola supõe também assumir a diversidade cultural como eixo central. Em contextos marcados por desigualdades e por discursos que desvalorizam a diversidade, pensar cultura também significa olhar para o que está perto. No caso de Manhuaçu, cidade em que desenvolvemos a proposta didática que deu origem a este trabalho, é comum ouvir afirmações como “Manhuaçu não tem nada” ou “aqui não tem cultura”, o que revela uma dificuldade de reconhecer práticas, espaços e referências culturais presentes na vida cotidiana. Essas percepções motivaram-nos a propor atividades que aproximassem os estudantes de seus próprios repertórios culturais, estimulando o reconhecimento e a valorização das culturas localmente produzidas.

É nesse contexto que se insere o presente artigo, que é de um relato de experiência, a partir de um recorte de atividades com cards digitais para redes sociais na educação básica. As atividades foram desenvolvidas no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no ano de 2023, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniervelin Renata Marques Pereira, no contexto de uma proposta de ensino e pesquisa de Língua Portuguesa ancorada nos multiletramentos.

Mais amplamente, a proposta, apresentada em nossa dissertação de mestrado, envolveu diferentes etapas, como leitura de textos sobre patrimônio cultural, visita guiada, elaboração de inventários culturais participativos e produção de textos para divulgação. Este artigo, contudo, apresenta um recorte desse percurso, com foco nas atividades de análise, produção e circulação de cards sobre o patrimônio cultural de Manhuaçu e região, produzidos por estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental para divulgação em redes sociais. Interessa-nos discutir de que maneira o trabalho com cards, tomados como suporte para diferentes gêneros textuais/discursivos, pode contribuir para: (a) aproximar os estudantes de práticas de linguagem multimodais presentes em seus cotidianos; (b) favorecer o reconhecimento e a resignificação de referências culturais; e (c) problematizar limites e desafios do trabalho com textos multimodais e digitais na educação básica.

Do ponto de vista metodológico, o artigo configura-se como um relato de experiência ancorado em uma ação de intervenção pedagógica de natureza qualitativa, realizada em uma escola pública da rede estadual de Minas Gerais. Os dados analisados incluem registros da prática, produções dos estudantes (especialmente os cards) e anotações reflexivas da professora-pesquisadora.

Organizamos o texto da seguinte forma: após esta introdução, apresentamos, na segunda seção, os fundamentos teórico-metodológicos que orientam a proposta, com destaque para a Pedagogia dos Multiletramentos e para a intervenção pedagógica como abordagem. Na terceira seção, discutimos os cards como suporte para gêneros textuais/discursivos em ambientes digitais, situando-os no contexto das textualidades contemporâneas. Na quarta seção, descrevemos o trabalho desenvolvido com os cards na turma, contemplando as etapas de análise, retextualização e circulação das produções. Por fim, na quinta seção, apresentamos os resultados, as discussões e as

considerações finais, retomando os avanços, os limites e as possibilidades pedagógicas que emergiram dessa experiência.

## 2. Contexto da experiência

Nossa proposta de ensino foi desenvolvida na Escola Estadual Salime Nacif, localizada no município de Manhuaçu, interior de Minas Gerais, durante o segundo semestre letivo de 2023. O público participante foi uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental, composta por 35 estudantes, com idades entre 12 e 13 anos, turma na qual a professora-pesquisadora atuava como docente de Língua Portuguesa.

Em termos de perfil, tratava-se de uma turma heterogênea, formada majoritariamente por estudantes residentes em bairros próximos à escola, pertencentes a famílias de condição socioeconômica modesta. A turma apresentava dificuldades significativas na leitura e na escrita de textos, além de baixo engajamento nas atividades escolares e problemas de indisciplina, o que demandava constante mediação e a criação de estratégias que despertassem o interesse e a participação.

Para além dos aspectos pedagógicos, um ponto que nos inquietava (como professora e cidadã manhuaçuense) era a percepção da comunidade em relação aos aspectos culturais da cidade, sendo comum afirmações do tipo “Manhuaçu não tem nada”. Essa mentalidade revela uma compreensão limitada e, de certo modo, hierarquizada sobre cultura – geralmente mais restrita às manifestações institucionalizadas, conseqüentemente mais notadamente conhecidas, ou associada a grandes centros urbanos, como, por exemplo, Ouro Preto.

Diante dessa problemática, buscamos elaborar atividades que estimulassem a reflexão dos estudantes, de modo que pudessem reconhecer e valorizar as culturas localmente produzidas, entendendo que o patrimônio cultural não se reduz ao que é monumental, institucionalmente reconhecido ou materialmente preservado, mas inclui, sobretudo, saberes, práticas, memórias e modos de vida compartilhados.

Paralelamente, considerando as demandas contemporâneas de leitura e de escrita, reconhecemos a importância de trabalhar com abordagens que privilegiassem as múltiplas semioses presentes e articuladas nos textos. Assim, optamos por inserir, em nosso projeto, textos que refletissem práticas reais das linguagens em uso pelos estudantes, com potencial para desenvolver multiletramentos (incluindo o letramento digital) e promover a compreensão da multimodalidade textual.

Foi nesse contexto que escolhemos os cards como eixo das atividades. Essa escolha partiu tanto do interesse dos alunos pelas redes sociais quanto do potencial desse texto em articular muitas semioses<sup>1</sup> na construção de sentidos em ambientes digitais. Além disso, essa proximidade dos estudantes com o universo das redes sociais<sup>2</sup> representava um ponto fundamental de aproximação entre o mundo escolar e as práticas de comunicação cotidianas, favorecendo o engajamento e a autoria dos estudantes.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, sempre que possível, evitamos usar a expressão “textos multimodais”, uma vez que consideramos que o termo pode sugerir a existência de um tipo marcado de texto em oposição a outros. Nesse sentido, concordamos com Ribeiro e Coscarelli (2023, p. 64-65) que todos os textos são multimodais, sendo que alguns podem integrar mais ou menos semioses em suas configurações.

<sup>2</sup> É fato que os estudantes fazem uso de diversas redes sociais, entre elas o Instagram, ainda que não possuam condição etária que permita tal uso.

Dessa forma, o objetivo principal da proposta foi levar os estudantes a refletirem sobre suas próprias práticas culturais, desenvolvendo capacidades de observar, identificar e pesquisar referências culturais do cotidiano com valor simbólico e coletivo – elementos que, de tão naturalizados, muitas vezes se tornam inconscientes e acabam sendo pouco reconhecidos como manifestações culturais. A partir desse levantamento, os estudantes foram mobilizados a retextualizar suas pesquisas, registradas inicialmente em mini-inventários culturais, em cards digitais para redes sociais, publicizando as manifestações culturais identificadas e atribuindo-lhes novos sentidos no contexto das mídias digitais.

### 3. Metodologia e fundamentação teórica

A pesquisa desenvolvida insere-se no campo das investigações de natureza qualitativa, fundamentada na intervenção pedagógica como abordagem metodológica. Segundo Paiva (2019, p. 72), a intervenção é uma vertente integrante da pesquisa-ação, compreendida como um “termo guarda-chuva” que abarca diferentes modalidades de investigação voltadas à transformação de práticas pedagógicas. Nessa perspectiva, nossa escolha metodológica teve como foco a intervenção planejada em um contexto de ensino, buscando promover avanços e melhorias na situação socioeducacional dos participantes.

Articulada a esse recorte metodológico, a proposta de pesquisa e ensino, ancorada nos princípios da Pedagogia dos Multiletramentos (Cazden *et. al*, 2021), parte da compreensão de que o ensino da língua deve contemplar a diversidade de culturas e de linguagens que constituem nossas práticas comunicativas, especialmente as mais atuais. Essa abordagem reconhece que os sujeitos constroem sentidos a partir de diferentes recursos semióticos – verbais, visuais, sonoros, gestuais e espaciais –, o que exige do professor o planejamento de experiências que envolvam práticas reais de leitura, escrita e produção multimodal.

No contexto atual, as diferentes linguagens extrapolam o domínio do texto verbal escrito e incorporam novos gêneros e formas de circulação discursiva, marcadas pela multiplicidade de modos de significação. A BNCC (BRASIL, 2018) enfatiza que tais práticas envolvem “novas formas de produzir, configurar, disponibilizar, replicar e interagir”, uma vez que as ferramentas digitais de edição de textos tornam acessível a qualquer pessoa a produção e a difusão de textos que articulam muitas modalidades, nas redes sociais e em outros ambientes da web.

Essas orientações dialogam diretamente com Competências Específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental da BNCC, entre as quais destacam-se:

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação (BNCC, 2018, Competência 3)

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BNCC, 2018, Competência 5)

Ao articular a BNCC à Pedagogia dos Multiletramentos, a proposta reafirma a importância de reconhecer os modos diversos de representação e comunicação como constitutivos das práticas sociais de linguagem. Nesse sentido, Ribeiro e Coscarelli (2023, p. 54) observam que:

Incorporar os novos letramentos e os multiletramentos na educação implicaria mostrar a relevância da multimodalidade, ou seja, de formas, linguagens e formatos dos textos, para ajudar que os alunos desenvolvessem capacidades tanto e perceber e compreender os usos desses recursos quanto de se apropriar deles em suas produções, como forma de entender, intervir e modificar a realidade em que vivem” (Ribeiro; Coscarelli, 2023, p. 54)

Essa perspectiva fundamenta a intervenção pedagógica proposta, que teve como objetivo aproximar os estudantes de recursos expressivos multimodais, reconhecendo que o domínio das diferentes semioses é parte constitutiva dos letramentos na contemporaneidade. A metodologia, portanto, não se limitou a observar ou descrever o contexto escolar, mas buscou atuar sobre ele, promovendo situações de aprendizagem que favorecessem a autoria, o protagonismo dos estudantes e a reflexão crítica sobre as práticas culturais locais.

#### 4. Os cards como suporte para gêneros textuais/discursivos<sup>3</sup>

Considerando esse cenário de multiletramentos e práticas de linguagens em ambientes digitais, as redes sociais ocupam hoje um espaço importante de interação em nossas vidas. Como adultos, fazemos uso delas de maneiras variadas, de forma mais ou menos consciente e crítica. Entre os jovens, esse uso tende a ser ainda mais intenso: muitos estão, como costumamos dizer, “cronicamente online”, acessando (e produzindo) conteúdos de modo rápido, com objetivos diversos e nem sempre com condições de exercer uma leitura mais distanciada e crítica.

Nesse contexto, circulam nesses ambientes digitais, especialmente em redes sociais como *Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*, os cards, peças textuais de ampla circulação social, geralmente em formato quadrado, medindo 1080 x 1080 pixels (Ribeiro, 2020, p. 35), que comportam informações e finalidades diversas.

Em diálogo com Marcuschi (2008, p. 155), compreendemos os gêneros textuais/discursivos como textos que circulam em nosso cotidiano e que se repetem em certas situações de uso, apresentando padrões sociocomunicativos relativamente estáveis de forma e de funcionamento. Esses padrões envolvem finalidades comunicativas, modos de dizer e formas de organização que se constituem historicamente em determinados contextos sociais, institucionais e tecnológicos. Nesse sentido, entendemos que o card não se configura, neste trabalho, como um gênero em si, mas como um suporte.

Tomamos aqui a noção de suporte como

um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto (Marcuschi, 2008, p. 174).

Como suporte, o card não atua de forma neutra: seu formato, a leitura em tela, a lógica do “arrastar para o lado” ou de rolar o *feed*, o recorte visual e a própria expectativa de brevidade interferem na maneira como o gênero apoiado se organiza. Um mesmo tipo de enunciado, como um

<sup>3</sup> Não adotaremos, neste trabalho, uma distinção teórica rígida entre gênero textual e gênero discursivo; empregaremos ambos os termos com o mesmo sentido.

convite, assume configurações distintas quando é produzido como cartaz impresso ou como card para o *Instagram*. Dessa forma, o card pode exercer importante influência na natureza do gênero suportado, como aponta Marcuschi (2008, p. 174) ao discutir o papel dos suportes.

Além da variedade enorme de gêneros que podem ser veiculados em cards, tais como anúncios, propagandas, comunicados, notícias, convites, declarações, informes, campanhas, textos de caráter pessoal, entre muitos outros, o alcance dos domínios discursivos também é bastante amplo: midiático, jornalístico, escolar, comercial, político, religioso, comunitário, das relações pessoais, entre outros.

Outro aspecto que reforça a flexibilidade dos cards é a multiplicidade de semioses que podem compor os textos veiculados nesse suporte: texto verbal, imagens fotográficas ou ilustradas, ícones, tipografias variadas, recursos de animação, trilhas sonoras, entre outros, podem compor layouts diversos, além da legenda. Os cards, assim como os textos que emergem dos ambientes digitais são resultado de

muitos tipos de interação entre pessoas que leem e escrevem, falam e ouvem, assistem e fazem tudo isso convergentemente, surgem composições textuais que antes não existiam ou que até se parecem com gêneros mais antigos, mas com novas características, muitas vezes exigidas pela operação das plataformas (Ribeiro; Coscarelli, 2023, p. 45).

Dessa forma, o trabalho com cards em sala de aula foi pensado como uma oportunidade de explorar práticas de linguagem multimodais, em que forma, conteúdo e suporte se articulam para produzir sentidos no contexto das redes sociais e em que os estudantes podem apropriar-se desse formato para se comunicar culturalmente, divulgando e ressignificando elementos de suas próprias realidades.

## 5. O trabalho com os cards: experiências, reflexões e algumas possibilidades pedagógicas

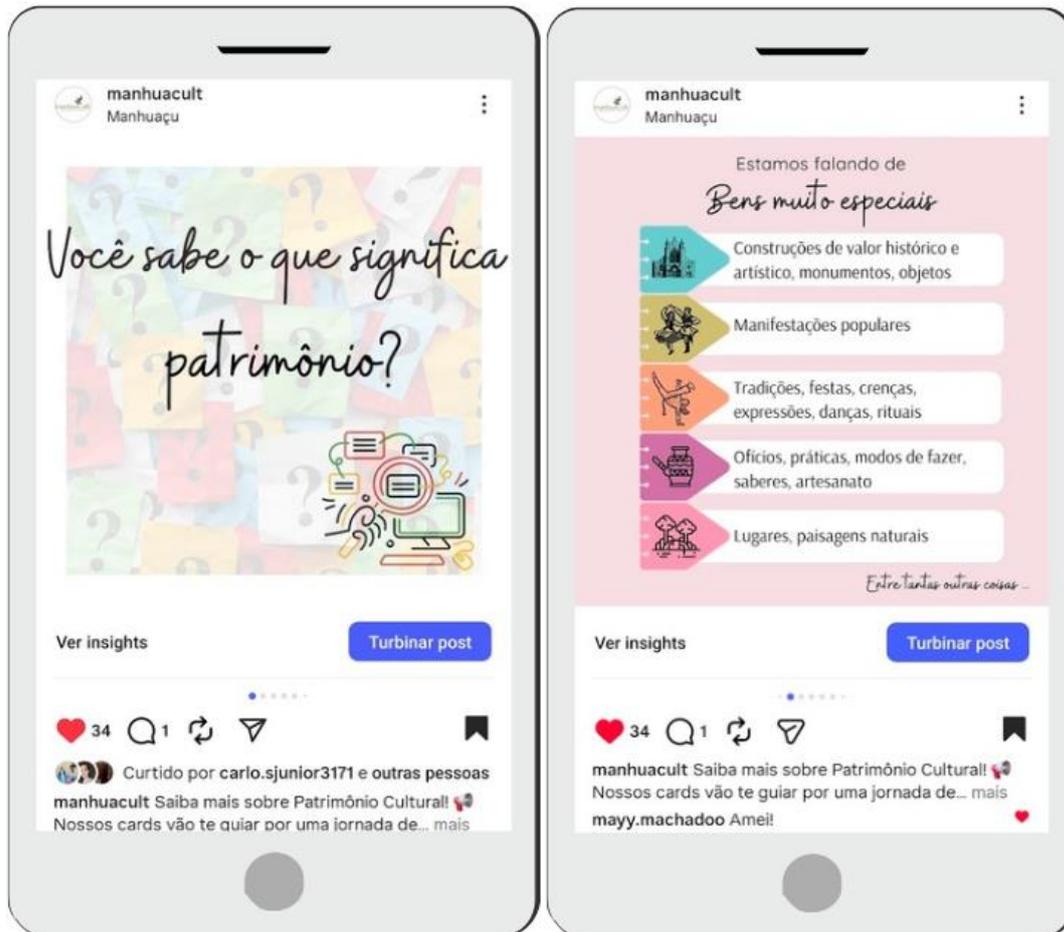
Como mencionado anteriormente, faremos, a seguir, um recorte de nossa proposta pedagógica, com foco nas atividades voltadas ao trabalho com cards digitais sobre o patrimônio cultural da cidade de Manhuaçu e região, produzidos sob a perspectiva dos estudantes e destinados ao compartilhamento em redes sociais.

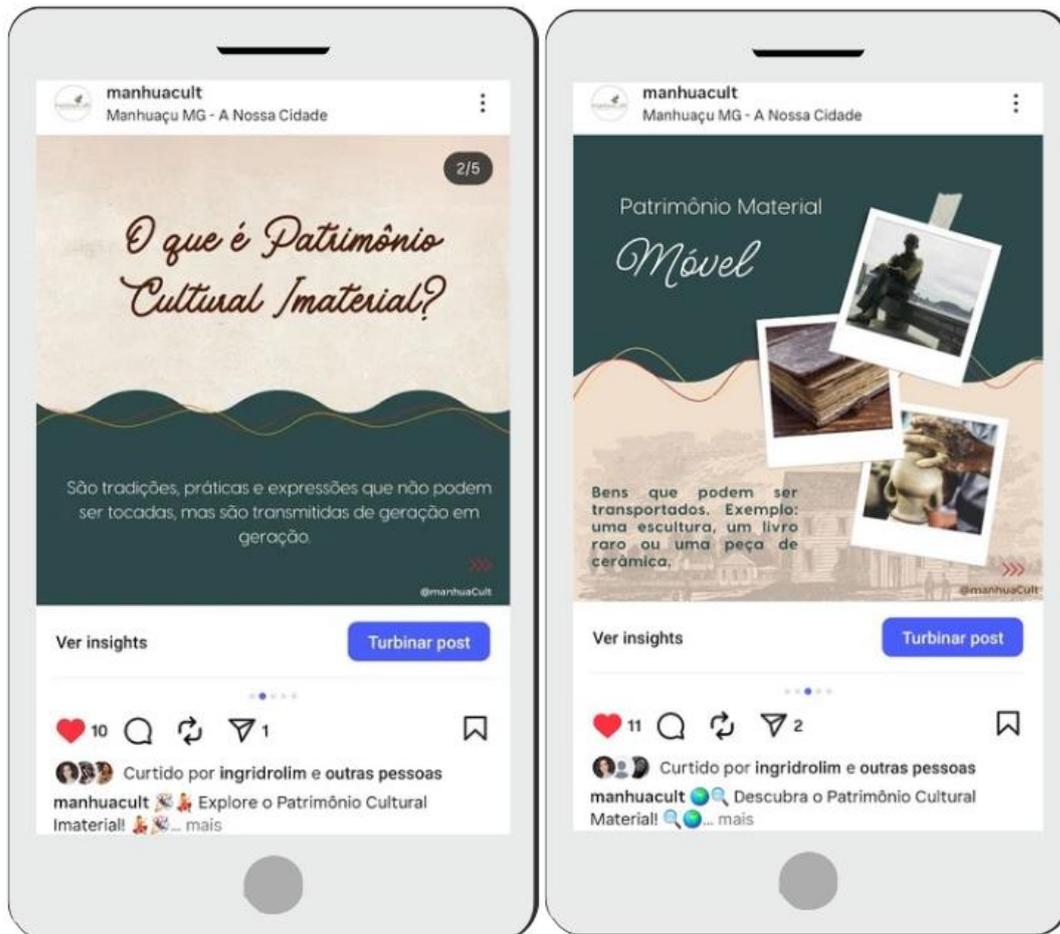
Definimos como critério essencial que, em todas as atividades (possíveis) da proposta, os alunos tivessem contato com o “tipo” de texto que iriam produzir – os cards. Assim, adaptamos algumas ações pedagógicas para garantir essa aproximação. Em etapas iniciais e de caráter mais expositivo, dedicadas à introdução de conceitos relacionados à cultura e ao patrimônio – como o que é patrimônio material, imaterial, entre outros –, optamos por apresentar os conteúdos em formato de cards<sup>4</sup> postados no *Instagram*. Essa estratégia mostrou-se bastante significativa, pois não só ambientou os alunos na linguagem visual e digital desse tipo de texto, como também quebrou a expectativa tradicional de aula expositiva, gerando curiosidade e maior engajamento.

Figura 1: Amostra de cards com conceitos de cultura e patrimônio.

---

<sup>4</sup> Nessa fase, os cards foram produzidos pela professora-pesquisadora.





Fonte: Elaboração própria. 2023.

Antes de avançarmos para outras etapas da proposta, é importante destacar que os estudantes enfrentaram grandes dificuldades com o uso dos recursos tecnológicos. Já esperávamos um nível reduzido de letramento digital, mas a dimensão dessa lacuna nos surpreendeu. Muitos alunos apresentaram dificuldades elementares, como ligar e desligar o computador, localizar e digitar corretamente um endereço no navegador ou realizar buscas simples. Diante desse cenário, foi necessário realizar diversos momentos explicativos e práticas guiadas, a fim de favorecer a autonomia e possibilitar a participação de todos. Essa etapa, embora desafiadora, revelou-se também formativa, pois ampliou a familiaridade dos alunos com ferramentas digitais.

Uma das atividades iniciais consistiu na análise de textos impressos e digitais (entre eles, cards) com temáticas (multi)culturais, com ênfase na multimodalidade. Essa atividade teve como propósito desenvolver o olhar crítico dos estudantes para a leitura de textos compostos por múltiplos modos semióticos e para a compreensão dos efeitos de sentido produzidos por suas combinações.

Para preservar a integridade dos textos e as semioses que os constituíam, optamos por realizar essa etapa em suporte digital, por meio de um questionário online. Essa escolha metodológica atendeu a dois objetivos complementares: de um lado, oferecer mais uma oportunidade de exercício do letramento digital; de outro, garantir o acesso às produções multimodais em sua integralidade, mantendo elementos dinâmicos (como animações, músicas, carrosséis de imagens, entre outros) que seriam impossíveis de reproduzir em versão impressa.

Durante a atividade, os alunos analisaram diferentes tipos de textos, como cards, publicações de redes sociais e pequenos vídeos educativos (do tipo *reels*), observando como as escolhas de linguagens (cores, tipografia, enquadramento, composição e texto verbal) se articulavam para construir sentidos. As discussões em sala permitiram problematizar também a relação entre texto e imagem, a intencionalidade comunicativa e os valores culturais mobilizados nas representações.

Figura 2: Amostra de textos analisados.



Fonte: Rede social do Portal Caparaó e acervo próprio.

Figura 3: Amostra de textos analisados.

Por sua importância cultural, a Folia de Reis das Mulheres de Medina foi registrada como patrimônio cultural imaterial pelo Iepha-MG, dentro do grupo de "Folias de Minas" (número 582).

E você, conhecia a Folia de Reis das Mulheres de Medina?

patrimoniocultural.mpmg Seguindo ...  
MEDINA-MG

patrimoniocultural.mpmg 134 sem  
Registrada como patrimônio cultural imaterial estadual no grupo "Folias de Minas", essa Folia de Reis em Medina (MG) é composta pelas mulheres da cidade há mais de quarenta anos!

Venha conhecer um pouco desse bem cultural e conte nos comentários: você conhecia essa Folia? Participe de [al#medina](#)

Fonte: Prefeitura de Medina. Fotos: Prefeitura de Medina e Ana Antunes.

#mpmg #cppc #patrimoniocultural #foliadereis #minasgerais #medina

tecelagemderocagrande 133 sem

216 curtidas  
5 de maio de 2023

Adicione um comentário...

Fonte: *Instagram*: @patrimoniocultural.mpmg.

Figura 4: Amostra de atividades sobre os textos.

Modo de comunicação	Pergunta	Texto I	Texto II	Texto III	Texto IV
Imagens	Quais imagens estão presentes no texto?				
	Como as imagens contribuem para a mensagem do texto?				
Cores	Que cores foram usadas?				
	As cores utilizadas possuem alguma relação com a mensagem?				
	Qual o efeito das cores sobre a mensagem?				
Recursos gráficos	Existem setas, símbolos ou outros recursos gráficos?				
	Qual é o papel deles na transmissão da mensagem?				
Formatos	Os formatos e a disposição dos elementos gráficos afetam a forma como a mensagem é percebida?				
	De que forma a disposição dos elementos afeta o texto? Por exemplo, guia o fluxo de leitura ou destaca informações-chave?				
Letras estilizadas	Há uso de letras estilizadas ou diferentes fontes?				
	O que as escolhas (de tipo de letra) comunicam?				
Mensagem principal	Qual é a mensagem principal do texto?				
	Como os vários recursos identificados aqui ajudam a transmitir essa mensagem?				

Fonte: Elaboração própria.

Ao refletirmos sobre o desenvolvimento das atividades de análise de textos, com ênfase na multimodalidade, reconhecemos que enfrentamos grandes desafios na elaboração de propostas que, de fato, explorassem a multimodalidade em sua complexidade e alcançassem os objetivos inicialmente traçados. Essa insegurança, própria da experimentação docente, resultou em diversas adaptações e ajustes ao longo da aplicação.

Assim como nossos estudantes, também nós, professores, carregamos as marcas de uma formação fortemente centrada no texto verbal, que, por muitos anos, não nos ensinou a “pensar multimodalmente” os textos e os sentidos que emergem de suas articulações. Reconhecer essa limitação foi fundamental para compreender que ensinar multiletramentos requer também aprender a ler e a pensar de novas maneiras – um exercício que demanda tempo, dedicação e abertura para o erro e o replanejamento.

Ao revisitar essa experiência, compreendemos que algumas escolhas poderiam ter sido diferentes. Acreditamos, por exemplo, que a realização das atividades em grupo poderia ter

favorecido a cooperação e a troca de ideias, tornando o processo mais significativo para os alunos. Também percebemos a necessidade de diversificar as abordagens, incorporando outras formas de leitura e interpretação dos textos, especialmente aquelas mais próximas das práticas de linguagens cotidianas dos estudantes.

Assim, reafirmamos que refletir sobre o próprio fazer pedagógico é parte constitutiva da docência. A sala de aula é um espaço vivo e, muitas vezes, imprevisível, e ensinar implica também aprender continuamente. Se por um lado, o tempo reduzido de aplicação impôs limitações, por outro, o processo nos mostrou o quanto é possível crescer com nossas próprias inquietações, transformando os desafios em oportunidades de repensar e reconstruir a prática. Além de nos provocar enquanto docentes, para os estudantes, essa etapa de análise foi importante para que eles se familiarizassem com o modo como diferentes recursos de linguagem constroem sentidos, preparando o terreno para a retextualização dos mini-inventários <sup>5</sup>em cards digitais.

Na sequência do trabalho, a etapa de retextualização marcou um momento importante da proposta. Após as análises multimodais e a elaboração dos mini-inventários, orientamos os estudantes a transformarem suas fichas em cards digitais ou, eventualmente, em vídeos curtos (*reels*) voltados à divulgação cultural.

Optamos pelo uso do *Canva* como plataforma multimídia para criação dos textos. Antes, porém, sentimos a necessidade de discutir o que significa retextualizar e como se dá a produção de cards. Não foi uma etapa simples: lidar com textos fluidos, próprios das redes sociais, demandou de nós reflexão e tomada de decisões que equilibrassem clareza e liberdade criativa.

Decidimos então, por uma abordagem direta e acessível. Em uma conversa em sala, apresentamos informações básicas sobre o que caracteriza um card digital e como ocorre sua produção. Buscamos, sobretudo, evitar transformar a atividade em um processo complexo ou excessivamente técnico ou teórico. Nossa experiência docente nos mostra que, muitas vezes, a tentativa de explicar demais pode acabar ampliando a confusão – e que parte do processo de criação exige confiança no repertório dos estudantes e no modo como eles mobilizam seus conhecimentos prévios, linguísticos e culturais.

Retomamos com os alunos os objetivos gerais do projeto e, a partir daí, iniciamos uma reflexão coletiva sobre as características essenciais desse tipo de texto. Guiados pela pergunta: “Se você tivesse que divulgar (em um card) um aspecto cultural de Manhauçu para alguém que não conhece a cidade, o que divulgaria em um card e como faria?”, chegamos a elementos centrais: uso de imagens reais, importantes para criar proximidade com o público; presença de textos curtos, informativos e convidativos; possibilidade de animações, carrosséis, ícones de interação e outros recursos multimodais; além da necessidade de coerência estética, incluindo paleta de cores, layout e hierarquia visual.

Em seguida, abordamos o conceito de retextualização. Explicar aos alunos, em termos simples, que se trata de transformar um texto em outro, fazendo seleções estratégicas, foi fundamental. Nesse ponto, a reflexão teórica reforça nossa prática, pois, como afirmam Ribeiro e Coscarelli (2023, p. 36), “a retextualização e a reescrita passaram a ser aspectos fundamentais dos processos de produzir textos”. Destacamos que a mudança implica não apenas condensar ou reorganizar conteúdos, mas adaptar o inventário para um texto altamente visual, orientado à

---

<sup>5</sup> Denominamos de mini-inventários culturais as fichas preenchidas pelos estudantes ao longo do projeto, nas quais registraram, de forma descritiva e reflexiva, informações sobre bens culturais de Manhauçu e região (como lugares, objetos, celebrações, formas de expressão e saberes), compondo um mapeamento inicial do patrimônio cultural na perspectiva da turma.

circulação digital. Para isso, devolvemos as fichas dos mini-inventários aos alunos, que deveriam relê-las e planejar essa transformação.

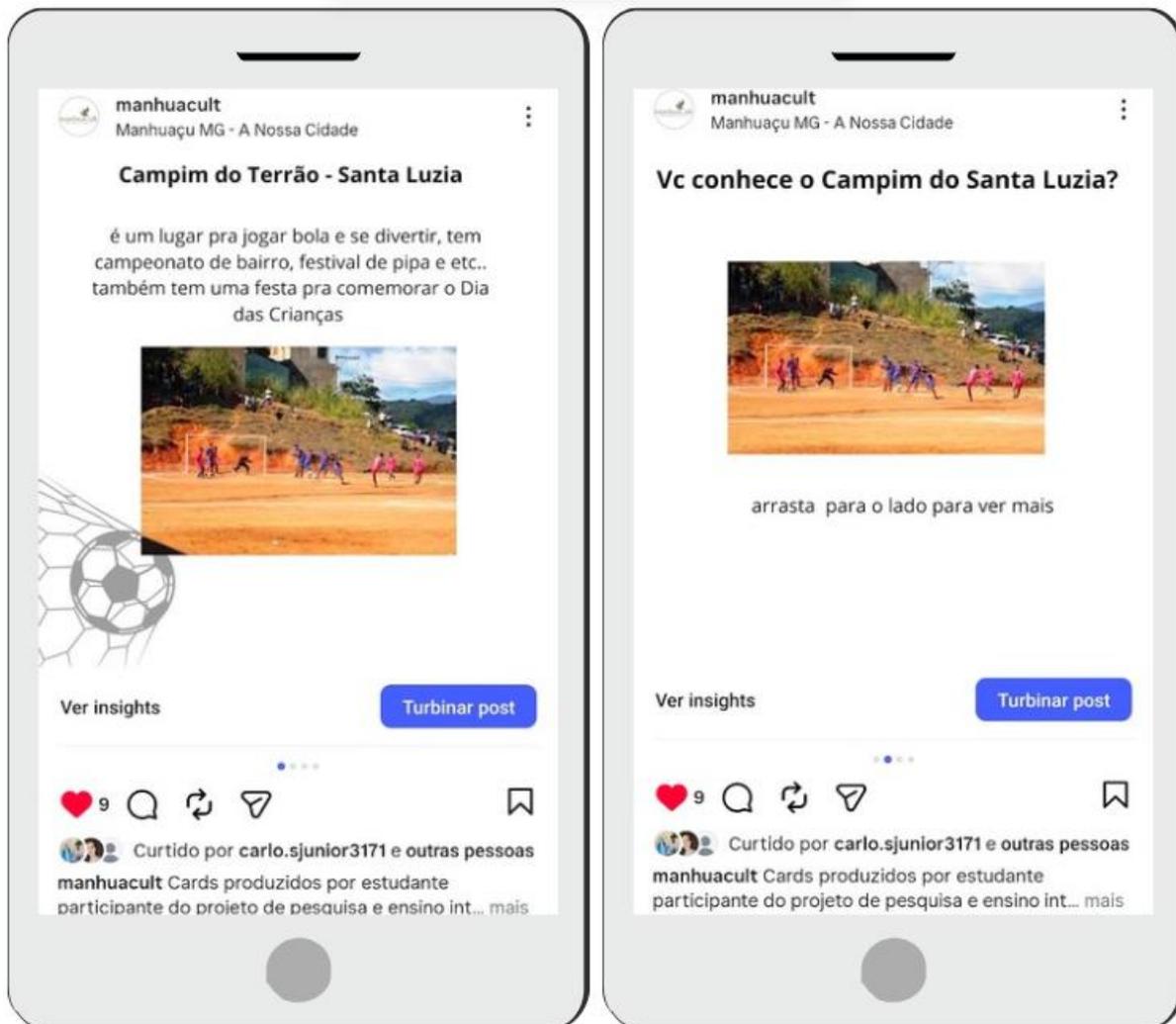
Os estudantes iniciaram a produção dos cards de forma individual, mas em constante colaboração uns com os outros. Com as fichas em mãos, trabalharam na criação, tomando decisões sobre design, escolha de imagens, textos e estrutura multimodal. Muitos necessitavam de auxílio em relação às ferramentas do Canva; por isso, a circulação pela sala e a ajuda dos colegas mais experientes foram essenciais naquele momento.

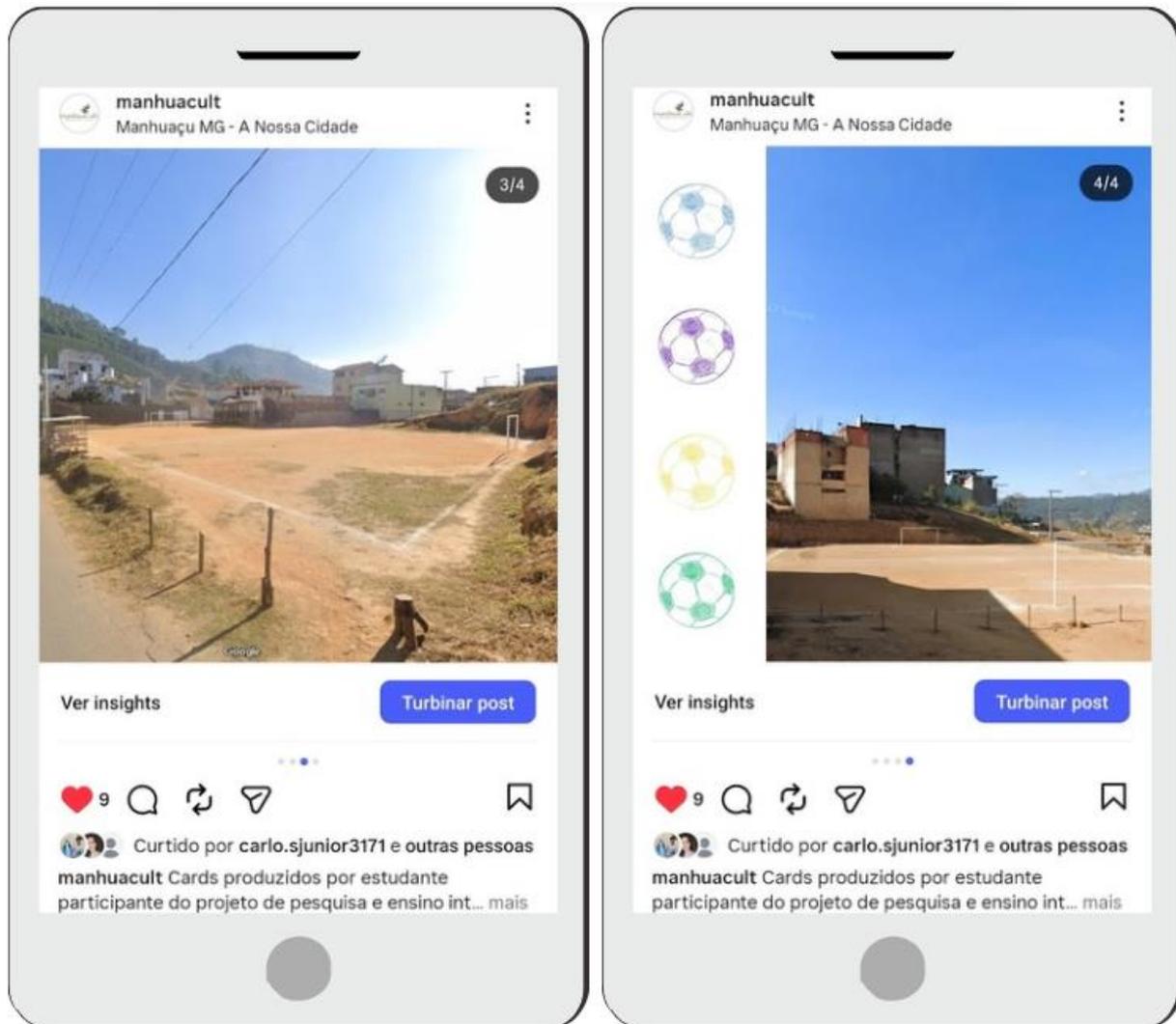
Após esse início, realizamos aulas dedicadas à revisão e à reescrita. A partir da análise das produções, percebemos que os elementos multimodais estavam, em geral, alinhados aos nossos objetivos. Assim, concentramos a revisão no componente verbal, propondo ajustes relacionados à pontuação, ortografia, adequação à norma padrão e clareza argumentativa, buscando, sempre, respeitar o repertório linguístico dos alunos.

Durante a revisão, a dinâmica colaborativa se destacou novamente. Os estudantes discutiam escolhas de imagens, cores, ícones, disposição dos elementos e claro, o próprio texto verbal. Esse movimento evidenciou que estavam, de fato, mobilizando diferentes semioses de forma mais consciente, selecionando e articulando recursos expressivos coerentes com suas propostas comunicativas.

Entre os cards produzidos, destacamos, por exemplo, a sequência sobre o Campinho do Terrão, no bairro Santa Luzia, em Manhuaçu, espaço de lazer reconhecido pelos estudantes como um bem cultural da comunidade. Nos quatro quadros, o aluno combina um texto introdutório que apresenta o campinho como lugar de jogar bola, se divertir, participar de campeonatos de bairro, festival de pipa e festa do Dia das Crianças, com uma pergunta interativa (“Você conhece o Campim do Santa Luzia?”) e um carrossel de fotografias reais do local, acompanhado por ícones de bolas coloridas. A organização em sequência, a linguagem mais informal e o convite para “arrastar para o lado” aproximam o texto das práticas de uso do *Instagram* e, ao mesmo tempo, retextualizam o inventário em um texto mais sintético e visual, reforçando o campinho como parte do patrimônio manhuaçuense.

Figura 5: Amostra de cards produzidos pelos estudantes: “Campim do Terrão do Santa Luzia”.

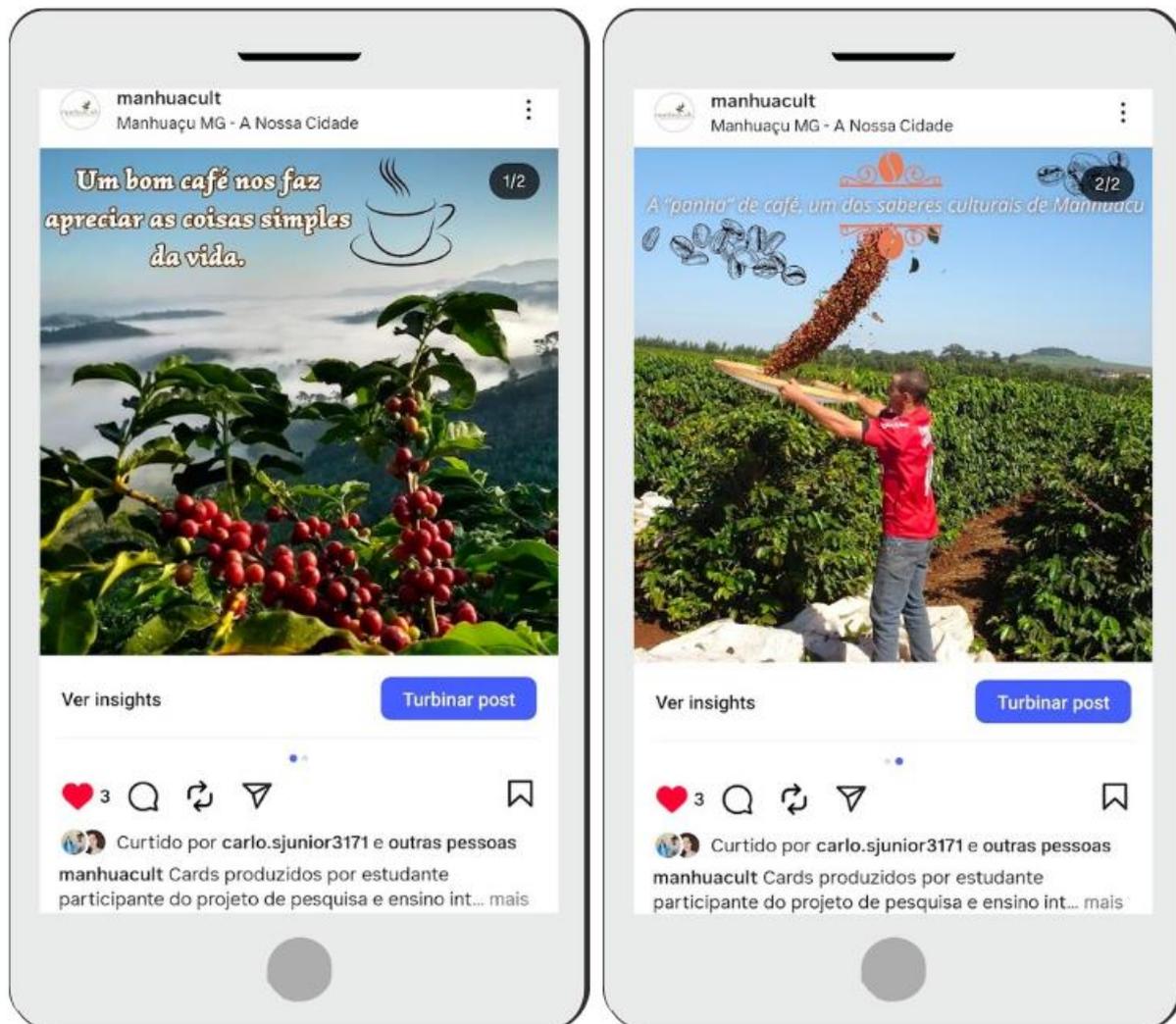




Fonte: Elaborado por estudante participante da pesquisa.

Entre os cards produzidos, destacamos também a sequência dedicada à cultura cafeeira de Manhuaçu. No primeiro quadro, a estudante utiliza uma fotografia em plano aberto de um cafezal, com grãos ainda no pé, sobre a qual insere a frase “Um bom café nos faz apreciar as coisas simples da vida”, em fonte estilizada, aproximando o texto de um tom afetivo e proverbial. No segundo, a imagem mostra um trabalhador em movimento, arremessando os grãos ao ar durante a “panha” de café, acompanhada da enunciação “A ‘panha’ de café, um dos saberes culturais de Manhuaçu”. A composição organizada em sequência, combina fotografias, pequenos elementos gráficos e enunciados breves que articulam apreciação individual e saber coletivo, retextualizando o inventário em um texto visualmente marcado pelo cotidiano rural e reforçando o café como referência central do patrimônio cultural local.

Figura 6: Amostra de cards produzidos pelos estudantes: “Panha do café” (colheita de café).



Fonte: Elaborado por estudante participante da pesquisa.

Por fim, encerramos essa etapa de retextualização com a observação de que os estudantes conseguiram transpor informações dos inventários para os cards, selecionando conteúdos relevantes, reorganizando-os e agregando elementos que não estavam presentes no texto original. Esse tipo de escolha evidencia como os alunos foram capazes de reinterpretar o patrimônio local a partir de uma linguagem mais próxima das redes sociais.

As produções textuais foram divulgadas, em 2024, em um perfil do Instagram criado especificamente para o projeto, o @manhuacult. A criação desse perfil teve finalidade estritamente educacional e atendeu a três propósitos principais: possibilitar a circulação social dos textos produzidos pelos estudantes, contribuir para a valorização da cultura manhuaçuense e construir um espaço de continuidade e memória das ações pedagógicas desenvolvidas ao longo da proposta.

As postagens foram realizadas pela professora-pesquisadora, que ficou responsável por administrar o perfil e publicar os cards. Essa decisão considerou, por um lado, as restrições etárias para o uso da plataforma e, por outro, os limites estabelecidos na submissão do projeto<sup>6</sup> ao Comitê

<sup>6</sup> A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, sob o registro CAEE: 69903723.0.0000.5149.

de Ética em Pesquisa, que não previa o acesso direto dos estudantes ao *Instagram*. Ainda que seja sabido do amplo uso de redes sociais por adolescentes, optamos por respeitar rigorosamente os parâmetros éticos definidos, garantindo a proteção dos participantes.

Embora o alcance das postagens não tenha sido o foco central de nossa análise, o simples fato de verem suas produções em um perfil público já foi significativo para os estudantes, pois reforçou a ideia de que seus textos poderiam circular para além da sala de aula<sup>7</sup>. Nesse sentido, o trabalho com os cards materializou os princípios da Pedagogia do Multiletramentos ao articular a diversidade cultural, ainda que manifestada localmente, à diversidade de linguagens em situações reais de leitura e de escrita.

A partir desse percurso – da análise de textos multimodais à retextualização dos mini-inventários do patrimônio cultural em cards e à circulação digital das produções –, foi possível observar tanto os avanços dos estudantes quanto os nossos próprios desafios como professora-pesquisadora. Na seção seguinte, apresentamos alguns resultados e discussões que emergiram dessa experiência.

## **6. Resultados, discussões e considerações finais**

Ao longo deste artigo, buscamos relatar e refletir sobre nossa experiência de ensino que articulou estudos das culturas localmente produzidas, multiletramentos e produção de cards digitais para redes sociais, em uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental. De modo geral, os resultados apontam tanto para o potencial desse tipo de trabalho na educação básica quanto para os limites e desafios que ainda atravessam o ensino da multimodalidade e o uso de recursos tecnológicos.

No que se refere aos estudantes, observamos que a proposta contribuiu para ampliar o engajamento e a participação nas aulas, especialmente nas etapas em que eles se viam como autores de textos que poderiam circular para além dos muros da escola. A produção de cards evidenciou que foram capazes de mobilizar diferentes recursos semióticos – imagens reais, ícones de interação, pequenos textos convidativos, animações – para divulgar aspectos do patrimônio cultural de Manhuaçu. Ao retextualizar os mini-inventários em cards, os alunos selecionaram informações, reorganizaram conteúdos e acrescentaram elementos não presentes nos textos iniciais, o que indica avanços na compreensão do suporte e de suas possibilidades expressivas. Além disso, ao escolherem bens culturais do cotidiano, como o campinho de futebol do bairro ou a “panha” do café, por exemplo, os estudantes também ressignificaram práticas e espaços que muitas vezes passavam despercebidos, fortalecendo uma visão mais consciente sobre a própria cultura.

Por outro lado, a experiência também evidenciou fragilidades importantes. Nossos anos de escolarização, muitas vezes, pouco nos ajudam a “pensar multimodalmente”. Isso se reflete em dificuldades concretas na hora de planejar, sistematizar e propor atividades que abordem, de forma crítica e reflexiva, as muitas semioses presentes nos textos. Na educação básica, sentimos que essa dificuldade se agiganta: as respostas curtas, a dificuldade em elaborar enunciados mais desenvolvidos e em sustentar um ponto de vista nas atividades de análise mostraram, ao mesmo tempo, a necessidade de um trabalho contínuo com a multimodalidade e os nossos próprios limites em construir abordagens que deem conta dessa complexidade. Em uma última etapa de autoavaliação, reconhecemos que as atividades de análise poderiam ter sido mais bem estruturadas, por exemplo, com maior ênfase no trabalho em grupo, com momentos de discussão coletiva e com

---

<sup>7</sup> Essa percepção foi registrada no ano seguinte, quando, embora já não lecionasse mais para a turma, a professora-pesquisadora ainda mantinha estreito contato com os estudantes participantes do projeto.

propostas mais focadas nos textos selecionados, de modo a favorecer um olhar mais aprofundado sobre a multiplicidade de linguagens em jogo.

Do ponto de vista da professora-pesquisadora, a experiência reafirmou que ensinar com base nos multiletramentos implica também assumir um lugar de aprendiz. Reconstruir a prática à luz de experiências vividas significa reconhecer o que funcionou, o que poderia ter sido diferente e o que ainda não conseguimos fazer como gostaríamos. Ainda há um longo percurso a ser trilhado no trabalho com a multimodalidade na educação básica, e um caminho possível passa pela formação inicial e continuada de professores, pelo tempo dedicado ao planejamento e pela abertura do currículo escolar para experiências que dialoguem com as práticas reais de linguagem dos estudantes, especialmente em ambientes digitais.

Em termos de contribuição, acreditamos que o trabalho relatado aqui aponta para algumas possibilidades pedagógicas importantes. Os cards mostraram-se um recurso potente para trabalhar os multiletramentos, articulando, em um mesmo movimento, leitura, análise, retextualização e circulação de textos em contextos digitais. Como desdobramentos possíveis, destacamos a necessidade de aprofundar o trabalho com as legendas, de explorar outros suportes (como os *stories* e os *reels*) e de envolver mais diretamente as famílias e a comunidade nas ações de divulgação cultural.

Por fim, esperamos que este relato de experiência possa inspirar outros professores a experimentar o trabalho com cards em seus contextos, sabendo que não se trata de uma proposta pronta, mas de uma experiência situada, com seus limites e potencialidades. Se, por um lado, ainda nos sentimos em processo de aprender a “pensar multimodalmente”, por outro, essa experiência nos mostrou que vale muito a pena insistir em propostas que convidem os estudantes a olhar para suas realidades, a nomear suas referências culturais e a ocupar, com mais autoria, os espaços digitais que já fazem parte de suas vidas.

## Referências

- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 05 nov. 2025.
- CAZDEN, Courtney et. al. **Uma pedagogia dos multiletramentos: desenhando futuros sociais**. Organização: Ana Elisa Ribeiro e Hércules Tolêdo Corrêa. Tradução: Adriana Alves Pinto et. al. Belo Horizonte: LED, 2021. Disponível em: <https://www.led.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/275/2021/10/Uma-pedagogia-dos-multiletramentos.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2025.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Textos multimodais na sala de aula: exercícios. **Revista Triângulo**, v. 13, n. 3 set-dez, p. 24-38, 2020.
- RIBEIRO, Ana Elisa; COSCARELLI, Carla. **Linguística aplicada: ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2023.